

Direção de arte e representação da sexualidade feminina: uma análise da série Bridgerton

Por Ariane Rosa Moreira

Orientadores: Prof. Dr. Fábio Ciquini e Prof. Ms. Fernando Mariano

Resumo: Cada núcleo de profissionais em uma obra audiovisual possui seu papel de relevância para a construção da narrativa no geral, contribuindo para que a percepção do espectador seja a mais próxima da realidade a qual querem representar. Dentro disso, temos no setor de direção de arte a função de construir a narrativa através de elementos visuais, dentre eles o figurino. Esse artigo busca compreender de que forma a direção de arte trabalha para construir figurinos que coincidam com cada sentimento e intenção colocados em uma cena.

Palavras-chave:

Figurino; Direção de Arte; Era Vitoriana; Sexualidade Feminina.

Introdução:

As imagens são retratadas no audiovisual através de diversos elementos, como cenário, figurino, maquiagem etc. As cores utilizadas na composição dessas imagens são de extrema importância para as narrativas, pois sempre causam alguma impressão no espectador. Portanto, elas devem ser muito bem utilizadas para que possam compor tanto a imagem, quanto a narrativa.

O projeto de pesquisa tem como tema a direção de arte e a representação da sexualidade feminina no audiovisual, analisando de que forma se utilizam das cores na caracterização de personagens. Para isso, o objeto escolhido é a série Bridgerton, na figura da protagonista Daphne Bridgerton.

Ao longo de uma temporada de oito episódios, na Inglaterra do século XIX, Daphne se apaixona e se casa com um duque, se descobrindo como mulher no decorrer desse processo. A pesquisa tem como foco a contribuição da paleta de cores na caracterização da personagem para o desenvolvimento de sua narrativa individual, a partir de um ideal de beleza criado pela sociedade midiática com uma visão machista do papel da mulher na sociedade.

Visto que o objetivo do grupo de estudo seja “analisar o modo como as imagens do

ambiente midiático contemporâneo reverberam conteúdos míticos e arcaicos”, o tema do projeto se torna relevante, pois a série *Bridgerton* retrata a sociedade britânica do século XIX, mas foi criada e lançada no século XXI, tendo influências do ambiente midiático contemporâneo. Apesar de retratar o machismo de dois séculos atrás e o papel “ideal” da mulher casada, ao assistir a série percebemos que tais visões de mundo não são tão antigas assim e reverberam até hoje em nossa sociedade. A série se torna um importante objeto de análise por ser a mais assistida até o momento na maior plataforma de streaming do mundo, a Netflix, tendo sido assistida por 82 milhões de usuários em seus primeiros 28 dias (BRIDGERTON, 2021).

A Era Vitoriana

A história da série *Bridgerton* se passa no período regencial do Reino Unido, que aconteceu entre 1811 e 1820. Na série, temos a figura da Rainha Charlotte, esposa de Jorge III, mãe de Jorge IV (ambos da Era Georgiana), e avó da Rainha Vitória (que reinou sobre a Inglaterra durante a Era Vitoriana). O período chamado de Regência é considerado uma era de transição entre a Era Georgiana e a Era Vitoriana.

“Apesar dos marcos, estabelecidos pelo início e fim de seu governo - 1837 a 1904 -, não se pode definir com clareza seus reais limites temporais ou geográficos. Eles se expandem para muito além das fronteiras do vasto império britânico, além de se constituir em um sinônimo do próprio século IX.” (SANTANA, L. W. A., & SENKO, E. C, 2016, p. 189.)

Levando em conta que o período “pré vitoriano” é cheio de incertezas, que são encontradas mais fontes históricas sobre a Era Vitoriana, e que ambos se passam no século XIX, tomaremos como base para a pesquisa a moda do período vitoriano, que ocorreu de 1837 a 1901, pois os costumes, valores e cultura foram fundados de gerações anteriores, como a de Rainha Charlotte, presente na série, e não houve diferenças drásticas entre um e outro.

Esse período é geralmente definido por historiadores como “idade da burguesia” (ECO, 2017, p. 362), e é quando a classe burguesa se destaca nos campos do comércio, da conquista

colonial e da vida cotidiana. No âmbito social, os burgueses britânicos, que também podem ser chamados de "vitorianos", demonstram seus costumes morais, estéticos e de comportamento.

A mulher e a sexualidade na era vitoriana

No período vitoriano, a forma como a sociedade era dividida nas esferas pública e particular tornou-se o espelho da burguesia para construir sua moral familiar e sexual. A mulher, vista como o anjo do lar, e o homem, destacado socialmente, eram referência para a sexualidade da época. Mulheres que se dedicavam ao lar eram apoiadas pela Rainha, que dizia que a harmonia da vida doméstica era um dos motivos para o sucesso de seu reinado.

As mulheres na sociedade vitoriana sofriam por conta da visão de “mulher ideal” que havia na época. Seus direitos legais eram os mesmos que os das crianças, e quando se casavam, tudo que era delas por direito se tornava do marido. Elas eram vistas como “puras” e “limpas”, e seus corpos vistos como templos que não poderiam ser fonte de prazer sexual. O papel das mulheres era ter filhos e cuidar da casa conforme o arquétipo de “anjo do lar”, e as que não eram da burguesia, só tinham duas opções de trabalho que não fosse a de “cair na vida” (ou seja, virar prostituta), que eram de professora e empregada doméstica. Conforme MONTEIRO (1998), “A classe média procurava transformar o problema da classe operária empobrecida numa tradução do dilema social em termos sexuais” .

A sociedade dividia-se entre mulheres consideradas “caídas”, que eram abandonadas pela civilização, sofriam violência e tinham de passar suas vidas em prostíbulos, e entre as mulheres consideradas “virtuosas”, que eram as mães, esposas, filhas e irmãs. Essas eram controladas pela sociedade e acreditava-se que elas precisavam de constante tutela no seu dia a dia. Segundo Blanc (2010), o ideal da mulher vitoriana era ser piedosa, religiosa, pura e, sobretudo, submissa.

Então, as “mulheres virtuosas” passavam boa parte de sua rotina no lar, se dedicando aos atributos admirados em toda *lady*, como falar francês, tocar piano, dançar e bordar. Tais atributos eram

geralmente ensinados por um tipo de professora, uma mulher que não se encontrava nem na classe alta, nem na classe operária, mas deveria ser uma verdadeira dama, para poder passar seus modos a uma dama em construção. Segundo Blanc (2010), o ideal da mulher vitoriana era ser piedosa, religiosa, pura e, sobretudo, submissa.

Era sustentada a ideia de que as mulheres eram assexuadas, e uma mulher que demonstrasse ter desejos sexuais era considerada ninfomaniaca ou prostituta. Essa ideia tomou força no mundo da medicina, principalmente em 1857, quando o autor William Acton difundiu a ideia de que as mulheres sentiam paixões apenas pelo lar, os filhos e os deveres domésticos, e de que “submetiam-se” a relações sexuais apenas pelo prazer da maternidade ou de seus maridos.

As relações conjugais eram baseadas somente nos desejos do homem, e acreditava-se que pela “falta de interesse” da mulher por sexo, o marido quem deveria exigir relações sexuais com a esposa. E as mulheres, por não terem sido educadas sexualmente, não sabiam o que aconteceria ao dormirem com seus maridos, e a ideia misógina de que elas deveriam satisfazer aos desejos masculinos levavam muitas vezes a casos de estupro doméstico.

Uma mulher vitoriana registrou em seu diário uma frase que demonstrava a educação sexual que recebeu de sua mãe: “feche os olhos (abra as pernas) e pense na Inglaterra”. Este era um ditado comum entre as mulheres britânicas, e mostra o que representava o sexo para elas: obrigação e falta de prazer.

O tabu em torno do sexo era tanto, que a palavra “perna” era considerada palavrão. As esposas que mais se encaixavam no ideal de anjo do lar chegavam a cobrir as pernas de pianos e mesas para evitar o uso da palavra. Havia a ideia de que o desejo tinha origem em uma classe inferior e desprivilegiada, quando, na verdade, ela é comum a homens e mulheres de todas as classes.

“O mundo vitoriano possui uma visão simples e prática da vida, as coisas são certas ou erradas, belas ou feias, sem espaço para equívocos e ambiguidades.

A classe burguesa era capaz de representar os próprios valores na vida cotidiana, não somente nos seus costumes, mas no comportamento em público, na decoração, na arquitetura e, principalmente, nas regras do bem-vestir.” (ECO, 2017, p. 361)

Percebe-se que havia uma relação de domínio entre as mulheres e a sociedade vitoriana. Uma relação que impedia que as mulheres tomassem decisões sobre suas vidas, que as via como incapazes e apenas como um objeto para satisfazer os desejos masculinos. Essa relação se refletia no vestuário da época, muito utilizado para cultivo do controle que exercia-se sobre elas. Apesar de o século XIX ter sido quando mais se cultivou o nu, foi também a época em que o corpo era cuidadosamente escondido, principalmente o da mulher.

A moda na era vitoriana

Ao longo dos séculos, o corpo se manifesta como uma estrutura semiótica da qual o ser humano não se desassocia, e o utiliza para transparecer significados, explorando diversas possibilidades de expressão. Sendo uma delas, e talvez uma das mais importantes, a moda.

“A difusão de moda foi menos uma forma de coação social do que um instrumento de representação e de afirmação sociais, menos um tipo de controle coletivo do que um signo de pretensão social.” (LIPOVETSKY, 2009)

Antes de falarmos sobre a moda na era vitoriana, é importante distinguir “vestimenta” de “moda”. A vestimenta é um fenômeno anterior à moda, ela pode ser uma roupa que tem uma capacidade simbólica de distinção como, por exemplo, de posições sociais. É possível identificar um representante do clero através de suas vestimentas típicas da Igreja, assim como é possível identificar membros da nobreza através dos tecidos e do estilo único de suas roupas. Já a moda é um fenômeno midiático originado do século XIX, que se refere aos diversos estilos de vestuário que prevalecem em determinado grupo social em determinado período da história.

“A moda funciona como forma de regulação e pressão social, e se impõe a determinados meios sociais. É através de vestimentas e acessórios que se

forma uma rede de significações combinadas pelo enunciador, que se manifestam tanto no plano individual, como no social. A partir disso, pode-se dizer que o ornamento, a decoração ou o vestuário possui, em relação ao sujeito, um duplo significado: o de transformação e de exaltação do próprio sujeito frente a si mesmo e, simultaneamente, o de distinção de si mesmo frente ao grupo a que pertence.” (CASTILHO, 2009).

A manipulação da imagem corporal através da moda busca evidenciar as características mais atraentes do corpo. A atribuição de significados ao corpo procura despertar o interesse do outro para que queira olhá-lo. Assim, as pessoas embelezam seus corpos para que se tornem atrativos no meio social.

É importante observar o meio social em que o vestuário é inserido, pois ele representa uma importante forma de expressão dos indivíduos frente à sociedade. A moda pode se manifestar com intenção de persuadir, manipular e encadear diferentes tipos de discursos como: político, poético, amoroso, hierárquico etc. Esses discursos são desenvolvidos junto à sociedade, e mostra como ela é organizada através da linguagem visual.

“Sobretudo as festas, eventos ritualísticos, apresentam-se como ocasiões significativas para o estabelecimento do jogo entre um sujeito que quer mostrar-se para ser olhado e o outro que quer olhar para ver, dando início às relações sociais mais variadas” (CASTILHO, 2009)

O vestuário da sociedade vitoriana gira em torno de dois conceitos: pudor (individual) e decência (social). E vamos entender de que modo isso se aplica na escolha de vestuário para a protagonista de Bridgerton a seguir.

Bridgerton: A Série

Bridgerton é uma série de drama de época criada por Chris Van Dusen e produzida por Shonda Rhimes. Ela é baseada na série de livros de mesmo nome da autora Julia Quinn, que conta histórias fictícias vividas na alta sociedade britânica no século XIX. Sua origem é estadunidense e a distribuição é feita pela plataforma Netflix. Sua estreia foi em 25 de dezembro de 2020.

Se configura como série televisiva de construção teleológica, pois de acordo com Machado (2000), esse tipo de narrativa se estabelece com um desequilíbrio estrutural logo de início, nesse caso, a dificuldade para encontrar um marido, e toda evolução posterior dos acontecimentos consiste num empenho em restabelecer o equilíbrio perdido, objetivo que se atinge nos capítulos finais.

A história se passa em 1813, durante a época conhecida como era regencial. Ela se refere ao período de tempo no qual o Rei Jorge III foi considerado incapaz de reinar devido à doença mental. Seu filho mais velho, o Príncipe de Gales, governou como Príncipe Regente até a morte do pai, em 1820.

A história da série é ficcional, mas há coisas que realmente aconteciam na sociedade da época. A temporada de casamentos, um dos focos principais da primeira temporada, era algo bem real para as famílias ricas da Londres do século XIX. Elas iam mesmo para Londres especificamente para a temporada social. As jovens dessas famílias eram apresentadas à Rainha Carlota, assim como na série, e essa é uma tradição que se manteve até 1958.

O nome da série “Bridgerton” deriva do sobrenome da família que é seu foco principal, uma família tradicional da alta sociedade composta por uma mãe e seus oito filhos. A análise feita será da primeira temporada da série, que foca na personagem Daphne Bridgerton, a mais velha das irmãs, uma garota de 18 anos que, pela primeira vez, irá debutar nos bailes da alta sociedade inglesa para encontrar um marido e formar uma família. Daphne era uma jovem que seguia as tradições da época sem muitos questionamentos. Ela esperava ansiosa pelo momento de formar uma família, pois tomava aquilo como sua responsabilidade como mulher. Por isso, era vista como a mulher ideal para se casar. Apesar disso, reconhecia que as tradições da época e as expectativas de sua família sobre seu casamento eram impostas pela sociedade e a desvalorizavam como mulher e indivíduo. Como diz em um diálogo com seu irmão, “Você não faz ideia do que é ser mulher. De qual a sensação de ter a sua vida inteira reduzida a um único momento. Foi pra isso que eu fui criada. Isso é tudo que eu sou. Eu não tenho outro valor. Se não conseguir arrumar um marido, serei inútil.” (BRIDGERTON, 2020). Questões mais profundas sobre isso serão tratadas mais para a frente no artigo durante a análise.

A primeira temporada possui oito episódios, e a análise será dividida em três partes: **1. Ingenuidade; 2. Curiosidade; 3. Descoberta.**

PRIMEIRO BLOCO: ingenuidade

No primeiro episódio começa a temporada de casamentos, e Daphne vai com sua mãe se apresentar à Rainha Carlota, que irá avaliá-la e dizer se é uma boa candidata ao casamento ou não. Neste momento, ela traja um vestido branco com detalhes dourados, luvas compridas, o cabelo preso em um coque e um arranjo de penas na cabeça. Quando se trata de simbologia, o branco é considerado a mais perfeita entre todas as cores, assim como era esperado que Daphne fosse para que conquistasse um marido. Segundo HELLER (2012), branco, azul e dourado são as cores da verdade, da honestidade e do bem, qualidades consideradas essenciais para uma dama da época vitoriana. Portanto, faz sentido que na primeira grande aparição da protagonista, ela combine branco e dourado.

Figuras 1 e 2 - Cena de apresentação à rainha, vestido branco



Fonte: Netflix, Bridgerton (2020) Temporada 1, Episódio 1

Ainda no primeiro episódio, após se apresentar à rainha e ir ao primeiro baile de seu período como debutante, Daphne Bridgerton recebe seus pretendentes ao matrimônio em sua casa, trajando um vestido azul bebê de mangas curtas. Nessa cena, percebe-se a utilização do azul para a representação do que esse momento significa na vida de Daphne.

“É a cor da simpatia, harmonia, amizade e confiança. A cor dos bons sentimentos que só se comprovam em longo prazo. [...] Por conta do efeito psicológico de distância causado pelo azul, ele também é a cor da fidelidade.” (HELLER, 2012)

Para ela, tudo que importa nesse momento é encontrar um marido, e não somente seus pretendentes querem impressioná-la, como a cena sugere, mas ela também deseja passar a ideia de que será uma boa esposa, amiga, confiável e, o mais importante de tudo, fiel.

Figuras 3 e 4 - Cena conhecendo pretendentes, vestido azul bebê



Fonte: Netflix, Bridgerton (2020) Temporada 1, Episódio 1

Nas tentativas dos rapazes de cortejar a jovem Daphne, o irmão mais velho da personagem, Anthony Bridgerton, se torna um empecilho neste processo pois não acha nenhum cavalheiro bom o suficiente para estar com sua irmã. Enquanto isso, Daphne conhece o melhor amigo de seu irmão, Simon Basset, também conhecido como Duque de Hastings, um homem muito cobiçado pelas

damas da sociedade, mas que não tem intenção de casar. Os dois então decidem fazer um acordo e fingir que estão se cortejando, assim Daphne pareceria interessante o suficiente para atrair mais pretendentes, e o Duque afastaria as moças que tinham interesse em cortejá-lo e casar-se com ele. Conforme vão passando mais tempo juntos para cumprir com o acordo, Daphne e Simon começam a desenvolver sentimentos um pelo outro.

No terceiro episódio da série, quando Daphne já tem sentimentos pelo Duque, ela aparece com um vestido azul com flores rosa, nesse momento, o azul mantém sua função anterior e demonstra que a personagem ainda possui a intenção de parecer uma moça decente para conseguir um marido, representando algo superficial e obrigatório. Junto a ele, o rosa delicado das flores quebra com a sua frieza, pois já demonstra a presença de sentimentos na história. Segundo Eva Heller, em *Psicologia das Cores*, o rosa pode representar a romantização, o sentimentalismo e o sonho. Segundo Heller (2012), a fantasia é um estado em que as pessoas flutuam em nuvens cor-de-rosa e enxergam tudo através de “lentes rosadas”. É nesse momento da história que Daphne começa a se apaixonar, e percebe que talvez não precise se casar apenas para cumprir um contrato social, e sim porque realmente ama seu companheiro, algo que de início parece apenas uma fantasia.

Figuras 5 e 6 - Cena pensando no duque, vestido com flores



Fonte: Netflix, Bridgerton (2020) Temporada 1, Episódio 3

Conforme Daphne e Simon passam mais tempo juntos, eles começam a ter diálogos mais profundos sobre a vida, o amor e os relacionamentos. Em uma dessas conversas, surge o tema sexualidade, um assunto com o qual ela nunca teve contato e não tinha o mínimo de conhecimento sobre, por conta do tabu que era a sexualidade feminina na sociedade vitoriana. Com isso, tem início a sua fase de curiosidades.

SEGUNDO BLOCO: curiosidade

Após descobrir sua própria sexualidade, Daphne percebe que há prazeres na vida além de tocar piano e cuidar de sua família, isso a faz se sentir poderosa e dona de si. Nesse momento, ainda no terceiro episódio da série, no primeiro evento social depois disso, Daphne aparece com um vestido branco e brilhante, com luvas brancas, um leque de penas, seu cabelo meio solto e uma coroa de flores na cabeça. O branco do vestido faz ele ser semelhante a um vestido de noiva, o que reforça a ideia de que nesse momento Daphne se sente mais preparada para o matrimônio. O brilho do vestido representa o brilho na expressão da personagem e o sentimento que ela tem naquele momento. O leque de penas, junto ao cabelo solto e a coroa reforçam a sua sensualidade como mulher.

Figuras 7 e 8 - Cena evento social, vestido branco brilhante



Fonte: Netflix, Bridgerton (2020) Temporada 1, Episódio 3

Podemos perceber o contraste visual entre Daphne e as outras mulheres presentes no baile. Todas utilizam cores fortes, mais quentes, portanto chamativas, como laranja, amarelo e vermelho, sendo nenhuma delas capaz de simbolizar os sentimentos buscados por todos neste baile: afeto, romance, paixão e ternura.

Figura 9 - Cena evento social, vestido branco brilhante



Fonte: Netflix, Bridgerton (2020) Temporada 1, Episódio 3

No quarto episódio da série, ainda em busca de um marido, Daphne atende um evento social considerado um ambiente sensual, perfeito para o cortejo entre homens e mulheres. Ela comparece ao evento com um vestido branco e acessórios pretos. Nessa composição de figurino, destaca-se a preferência pela cor dos acessórios. A protagonista mantém sua cor principal, o branco puro, porém os detalhes pretos demonstram que, casando-se com ela, os homens podem ter mais do que uma esposa exemplar que cuida do lar, mas também uma companheira que irá satisfazê-los. Isso é simbolizado pela oposição ao branco, a utilização da cor que representa o poder e a força, é escura mas ainda assim discreta. Nesse momento da série, Daphne dá seu primeiro beijo no Duque de Hastings.

Figuras 10 e 11 - Cena primeiro beijo, vestido branco com acessórios pretos



Fonte: Netflix, *Bridgerton* (2020) Temporada 1, Episódio 4

Após o beijo ser descoberto pelo irmão mais velho de Daphne, ele força os dois a se casarem para que ela não perca a sua honra. Apesar do casamento ser marcado de forma forçada, os dois nutrem sentimentos um pelo outro. O que nos leva ao quinto episódio da série, o episódio do casamento. Neste episódio, a protagonista utiliza o grande símbolo feminino das cerimônias de casamento, o vestido branco de noiva. A moda dessa vestimenta para as noivas surgiu no próprio século XIX.

“Por muito tempo não havia uma moda para casamentos. Enquanto existiram as regras para as vestimentas, elas foram estipuladas pela Igreja e qualquer tipo de luxo era condenável. Um vestido para um único dia era considerado pecado. As mulheres usavam seus melhores vestidos nos casamentos.” (HELLER, 2012)

A primeira mulher a se casar com um vestido branco foi a rainha Vitória da Inglaterra, que em 1840 casou-se com um vestido branco de cetim inglês e um véu sobre a cabeça. O véu em si foi uma novidade, pois ele costumava ser usado somente após o casamento. Nessa ocasião, foi interpretado como uma referência ao véu usado pelas freiras, como uma noiva de Cristo. (No entanto, a principal intenção da rainha não era dar início a tal moda, e sim incentivar a indústria da fiação em seu país que tinha como forte concorrente a indústria francesa, e nisso ela obteve sucesso.)

O branco do vestido simboliza a virgindade da noiva. De acordo com Heller (2012), é a cor imaculada, isenta de pecados, a cor da inocência. O que reforça a ideia de inocência da cor no episódio é a conversa que Daphne tem com sua mãe. Ela reflete sobre o que pode haver num casamento além de um contrato social, e sua mãe explica de forma muito vaga que há coisas muito especiais que ela ainda irá descobrir. Esse diálogo só deixa a personagem ainda mais intrigada, e nada sobre a vida sexual no matrimônio é dito.

Figuras 12 e 13 - Cena casamento, vestido branco de noiva



Fonte: Netflix, Bridgerton (2020) Temporada 1, Episódio 5

Após o casamento, na noite de núpcias, Daphne e seu marido Simon consumam seu matrimônio, e neste momento a personagem encontra o que estava procurando de diferente e especial no casamento. Com isso, começa sua fase de descoberta.

TERCEIRO BLOCO: descoberta

Após a lua de mel, a paleta de cores de Daphne muda. Ela passa a usar cores mais quentes como rosa e lilás, porém em tons pastéis, mantendo sua sutileza. Junto a isso, peças com estampas de flores, tudo isso representando o amor e a paixão que ela sente pelo seu marido. Vemos um exemplo disso na cena a seguir onde ela usa um vestido lilás com flores rosa.

Figuras 14 e 15 - Cena pós casamento, vestido lilás com flores



Fonte: Netflix, Bridgerton (2020) Temporada 1, Episódio 6

Vemos outra demonstração de maturidade através do figurino da personagem no sexto episódio da temporada, onde Daphne usa um vestido azul cobrindo os braços e de gola alta, um estilo diferente, nunca usado antes, que passa mais uma ideia de maturidade dos que o que ela costumava usar.

Figuras 16 e 17 - Cena na cidade, vestido azul de gola alta



Fonte: Netflix, Bridgerton (2020) Temporada 1, Episódio 6

QUARTO BLOCO: conhecimento

Após a lua de mel, em todas as relações sexuais do casal, Simon interrompia o ato para que não houvesse ejaculação e risco de gravidez, e Daphne não compreendia o por quê daquilo, porém aceitava. Certo dia, durante uma conversa com uma criada, ela descobre que ele fazia isso para evitar ter filhos com ela e se enfurece pois se sente traída. Nesse momento, ela está usando um vestido cinza, uma cor fria e escura, que representa todos os sentimentos negativos que ela tem naquele momento: tristeza, decepção, traição.

Figuras 18 e 19 - Cena da descoberta, vestido cinza



Fonte: Netflix, Bridgerton (2020) Temporada 1, Episódio 6

No sétimo episódio, há uma cena de Daphne tocando piano com raiva, com movimentos pesados e notas graves. Neste momento, ela usa um vestido roxo. O roxo costuma representar a força e a independência feminina, isso se reflete na nova fase da personagem, em que ela entende tudo que envolve um casamento e sua sexualidade. Além disso, é um tom mais forte de uma cor que esteve muito presente no seu guarda roupa, o lilás. Essa intensidade na cor faz jus à trama da série e aos sentimentos da personagem nesse momento.

Figuras 20 e 21 - Cena tocando piano, vestido roxo



Fonte: Netflix, *Bridgerton* (2020) Temporada 1, Episódio 7

Ainda nesse episódio, a protagonista tem uma conversa séria com a personagem Marina sobre ir atrás dos seus direitos como mulher e mãe, e reconhece sua força feminina. Nessa cena, ela usa um vestido roxo, reforçando a ideia da força feminina no diálogo da cena.

Figuras 22 e 23 - Cena diálogo sobre espaço feminino, vestido roxo



Fonte: Netflix, *Bridgerton* (2020) Temporada 1, Episódio 7

Por fim, em uma das últimas cenas da série, Daphne atende a um evento das mulheres casadas da alta sociedade. É a primeira vez que ela recebe um convite para esse tipo de evento, e ele marca o reconhecimento de seu casamento e seu título de duquesa por parte da comunidade londrina. Neste evento, as mulheres conversam sobre seus maridos, fofocam e bebem. Daphne está com um vestido com uma cor que varia entre roxo, lilás e cinza, com detalhes de pedras escuras por todo o vestido, e está com cabelo solto. A personagem nunca antes utilizou uma roupa tão pesada esteticamente, com uma cor escura e detalhes ainda mais escuros. Nesse caso, isso pode representar não somente a nova fase de Daphne e seu amadurecimento, como também o início de uma possível era em que a personagem está passando a fazer parte de um núcleo obscuro e impuro da sociedade, onde há pecados, traição e fofocas.

Figuras 24 e 25 - Cena evento mulheres casadas, vestido roxo com detalhes pretos



Fonte: Netflix, Bridgerton (2020) Temporada 1, Episódio 7

Ao fim da temporada, a protagonista tem um filho com seu marido e como em todo fim de obra audiovisual, vivem felizes para sempre.

Considerações finais

Através da pesquisa teórica das questões que agregam esse artigo científico e da análise da obra audiovisual *Bridgerton*, entende-se que o trabalho da direção de arte no audiovisual se faz completamente relevante e necessário para a construção de narrativas. Por meio da análise, percebeu-se que toda a paleta de cores da personagem e suas respectivas peças de vestuário acompanham seus sentimentos e as situações pelas quais ela passa, reforçando a intenção dada no roteiro para além dele, transmitindo através do visual o impacto emocional da cena. Percebe-se que quando algo está implícito na cena, esse “algo” é dito não somente através de todos os elementos que a compõem, como comportamento dos personagens, elementos de cenário e iluminação, mas também pelos figurinos que conversam entre si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLANC, Claudio. **Uma breve história do sexo**: fatos e curiosidades sobre sexo e sexualidade mais interessantes de todas as eras. São Paulo: Editora Gaia, 2010.
- BRIDGERTON, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/NetflixBrasil>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2009.
- ECO, Umberto. **História da beleza**. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão?** 1.ed. São Paulo: Olhares, 2021.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.
- MARRA, Claudio. **Nas sombras de um sonho**: história e linguagens da fotografia de moda. São Paulo: Senac, 2008.
- MONTEIRO, Maria Conceição. **Figuras errantes na época vitoriana**: a preceptora, a prostituta e a louca. Universidade Federal Fluminense, 1998.

SANTANA, L. W. A., & SENKO, E. C. (2016). **Perspectivas da era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX.** *Revista Diálogos Mediterrânicos*, (10), 189–215.